

AO DOMINGO

Receia que o medo do terrorismo possa vir a limitar a nossa liberdade?



Clara Almeida Santos
Vice-reitora
da Universidade
de Coimbra

“ Mais do que um receio, a limitação da liberdade já é uma certeza. Prova disso é, por exemplo, a notícia do cancelamento de muitas viagens para Paris. Parece coartada a liberdade de escolha de uma coisa tão simples como ter uma capital europeia como destino. Vamos, seguramente, andar mais assustados, mais vigiados, mais limitados. Mais grave será a perda de liberdades fundamentais de muitos justos que pagarão pelos pecadores. Muito mais grave ainda do que tudo isto é o que se passa nos territórios onde o terror se impôs como lei. Impossível não lembrar o poema “Intertexto”, de Brecht, que termina assim: “Agora estão a levar-me / Mas já é tarde. / Como eu não me importei com ninguém / Ninguém se importa comigo. ”



Elisa Ferreira
Eurodeputada
do PS

“ Claro que a reação ao terrorismo vai necessariamente limitar a nossa liberdade. Não há alternativa a isso. Mas, mais do que tudo, é o próprio terrorismo que limita a nossa liberdade, é uma condicionante à nossa vida. Em Bruxelas, por exemplo, há agora um alerta total. E nós condicionamo-nos todos, sem sabermos do que é que estamos a fugir e sem sabermos o porquê disto acontecer. Penso que há ainda duas outras notas sobre a Europa: uma, é que mais do que o controlo de fronteiras é importante que haja serviços de informação coordenados, organizados e eficazes; outra, que este reforço da segurança não seja um pretexto para que haja abusos e se invada a privacidade e os direitos fundamentais dos cidadãos. ”



Sebastião Fayo
Reitor da
Universidade
do Porto

“ Não receio. Repito o que disse há oito dias: o modelo social e político prevalecente no Ocidente é aberto e plural, com um risco calculado de fragilidade decorrente do respeito pela liberdade e pela dignidade humana; talvez seja este o preço a pagar pela nossa forma de vida no Mundo contemporâneo; não devemos mudar os princípios e não temos que pagar o preço. Entendamos que o sentimento de ‘limitação da liberdade’ também depende da nossa sensibilidade. Se exigimos aos governos que adotem medidas de defesa da população, então encaremos algumas eventuais restrições como medidas de defesa necessárias e não como limitação à nossa liberdade. Lembremo-nos do que se passa nos aeroportos desde setembro de 2001. Antes, não havia qualquer inspeção a bagagens e pessoas. Hoje, somos sujeitos a inspeções rigorosas, quicá pontualmente excessivas, mas cuja importância relativizamos. Saberemos defender a nossa integridade sem ofender a essência da liberdade que faz parte do nosso modo de vida. ”